

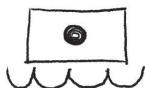


Autora do Bestseller *Um Rapaz ao Fundo da Sala*

ONJALI Q. RAÚF

## ÍNDICE

1. Duas Cobras e a Sopa da Escola	17
2. O Homem do Trólei	31
3. O Roubo na Plataforma 1	40
4. O Trólei Fugitivo	50
5. Os Dois Tesouros	61
6. Olhos que Espiam	74
7. O Arco Desaparecido de Eros	85
8. Figuras Escondidas	99
9. No Bosque	113
10. A História de Três Vidas	121
11. A Ténue Linha Vermelha	129
12. Hercules e a «Renda»	138
13. O Rapaz Que Gritou «Engano!»	149
14. A «Sopa dos Pobres»	159
15. A Catwoman e o Fortnum do Mason	174
16. O Mapa da Disputa de Território	188
17. O Passe Livre	207
18. Os Passageiros Noturnos	215
19. St. Paul e a Missa da Meia-noite	223
20. O Homem com Cinco Caras	237
21. O Banco do Herói do Autocarro Noturno	249



## DUAS COBRAS E A SOPA DA ESCOLA

— HECTOooooooooooooRRRRRRR! PARA AÍ MESMO!

Parei, com a mão suspensa sobre a grande panela de sopa de tomate vermelho brilhante. Seria uma panela de sopa perfeitamente normal se não fosse pela longa cobra de borracha verde-elétrico que agora flutuava mesmo no meio dela.

— HECTOORRR! ESTOU A AVISAR-TE!

Virei-me lentamente e olhei por cima do ombro. Conseguia ver todas as senhoras do refeitório, nos seus uniformes azul brilhante, a olharem para mim de boca aberta, como portas que alguém se tivesse esquecido de fechar. Toda a gente no refeitório tinha ficado estática. Exceto o Prof. Lancaster. Também ele tinha a boca aberta, que ia ficando cada vez maior, como um grande buraco negro.

Conseguia perceber que ele estava prestes a explodir porque a sua cara estava de um rosa parecido com o rabo de um babuíno e o nariz começava a tremer.

— Não te atrevas — silvou, fixando o olhar esbugalhado na segunda cobra de borracha que eu tinha na mão.

Olhei para a segunda cobra. Esta era vermelho vivo. Quase tão vivo como o vermelho daquela sopa desenxabida que a Sra. Baxter tinha feito.

Sabia que tinha duas opções. A primeira opção era *não* atirar lá para dentro a segunda cobra. Seria castigado à mesma, por causa da cobra verde, mas talvez não fosse assim tão mau.

A segunda opção era atirar a cobra. Isso enfureceria ainda mais o Prof. Lancaster e deixaria a Sra. Baxter *mesmo* furiosa. Mas era bem feita por ser a pior cozinheira que já tivemos no refeitório, sempre a semicerrar os olhos e a pôr-nos no prato as colheradas mais pequenas das coisas que adoramos e as maiores colheradas das coisas que odiamos. Já era tempo de alguém lhe dar uma lição. Além disso, faria rir o Will e a Katie, os meus dois melhores amigos.

— ENTÃO? ENTÃO? — gritou o Prof. Lancaster.

Olhando para ele, ri-me e deixei cair a cobra. Uma exclamação geral soou no refeitório no momento em que a cobra de borracha aterrou dentro da sopa. Salpicos de sopa espalharam-se por todo o lado. Um pedaço de sopa aterrou com um *SPLASH* na cabeça da Sra. Baxter. Outro pedaço aterrou com um *SPLOSH* na bochecha de outra senhora do refeitório. Um terceiro atingiu com um *PLOP* o nariz trememente do Prof. Lancaster, escorregou e caiu num pingo para o chão.

— MUITO BEM, MEU JOVEM! JÁ ESTÁ FEITO! VEM COMIGO!

É uma coisa que as pessoas me chamam quando estão mesmo zangadas: «meu jovem». Como se estivessem tão zangadas que nem conseguissem lembrar-se do meu nome. Na verdade, já ninguém diz o meu nome normalmente. Ou é «meu jovem» ou é «HECTOOOORRRR», gritado num tom de voz que me diz logo que a pessoa está furiosa comigo. Até o Will e a Katie só me chamam «H». Mas não me importo. Dantes importava-me, mas agora já não. A maioria das pessoas é tão estúpida que não me importa o que pensam de mim. São como aquelas mosquinhas chatas que andam à nossa volta quando estamos a comer um gelado. A parte pior é que as pessoas mais estúpidas e secantes do país inteiro parecem estar na minha escola.

Imaginei o que seria esborrachar pessoas com um mata-moscas gigante enquanto o Prof. Lancaster me levava para fora do refeitório em passo de marcha. No caminho, ainda pisquei o olho ao Will e à Katie — afinal de contas, tinha acabado de ganhar a nossa aposta! Mas eles estavam a rir-se tanto, tanto, que acho que nem me viram.

— SENTA-TE AÍ E NÃO TE ATREVAS A DIZER UMA PALAVRA! — vociferou o Prof. Lancaster, apontando para o sofá da sala de castigo.

O Prof. Lancaster é o diretor da escola e, às vezes, pergunto-me se os certificados que tem nas paredes são, na verdade, prémios secretos dados por ser o diretor mais estúpido e secante do país. O mais engraçado é que ele

*pensa* que é esperto. Está sempre a vigiar-me e à espera de me apanhar, só para poder gritar «HECTOOOORRRR!» em frente da escola toda. Quando o faz, as veias do seu pescoço passam de bidimensionais a tridimensionais. Também está sempre a fazer-me avisos esquisitos. A semana passada foi: «Mais UMA vez, e as orelhas ser-te-ão arrancadas tão depressa que a tua cabeça vai ficar a rodar no espaço como o sistema solar!»

Hoje era: «Estás a UM PASSO de teres as pernas cortadas do corpo, meu jovem! E depois, serás o quê? Um sem-pernas, é o que é!»

Se o Prof. Lancaster quer mesmo livrar-se de mim ou das minhas pernas, terá de se esforçar mais para me apanhar. Hoje teve sorte porque acho que deve ter estado a vigiar-me sem parar. Mas não sabe nem metade do que eu já tramei, pois consigo ver as suas armadilhas a quilómetros de distância. Como daquela vez em que ele instalou câmaras minúsculas, que pareciam escaravelhos pretos e brilhantes, à entrada do balneário dos rapazes. Tinha esperança de me apanhar a receber o pagamento daqueles que *não* querem molhar o cabelo na sanita antes do almoço. Mas é claro que eu vi logo as câmaras. Agora aceno-lhes todos os dias quando passo por ali, antes de ir recolher os meus pagamentos no canto mais afastado do recreio. Funciona bem para toda a gente. Ninguém é mergulhado de cabeça na sanita e eu recebo um belo fornecimento de dinheiro e guloseimas dos meus colegas.

Também houve aquela vez, o ano passado, em que o Prof. Lancaster tornou todos os funcionários da escola em vigilantes do almoço e lhes deu uns enormes crachás brilhantes. O trabalho deles era tentar impedir-me de passar rasteiras às pessoas que passavam com os tabuleiros do almoço a caminho das mesas. Mas, em vez disso, rasteirei os próprios monitores e todos eles se recusaram a voltar no dia seguinte.

— HECTOOOORRRR! ESTÁS A OUVIR?!

A voz zangada do Prof. Lancaster interrompeu a minha alegre memória de ter rasteirado a Katie Lang e vê-la espalhar-se ao comprido no chão do refeitório, enquanto a sua taça de chili voava e atingia metade dos alunos do 2.º ano.

— É BOM QUE NEM SEQUER *PENSES* EM FALTAR AO CASTIGO HOJE!

Antes que ele pudesse continuar, a campainha tocou, como se também ela estivesse farta da voz dele. Tentando não sorrir, acenei e lentamente — muito, muito lentamente — voltei para a minha sala de aula. Quando lá cheguei, já toda a gente estava sentada e a tirar os livros para fora.

— Hectorrrrrrr! — suspirou a Prof.<sup>a</sup> Vergara, pegando de novo na folha de presenças e abanando a cabeça. — Porque tens de chegar *SEMPRE* atrasado? — perguntou, coçando a cabeça ao mesmo tempo.

Encolhi os ombros e deixei-me cair na minha cadeira, ao lado do Rajesh. A Prof.<sup>a</sup> Vergara está *sempre* a abanar

e a coçar a cabeça quando olha para mim. Como se secretamente tivesse piolhos e só se lembrasse que fazem comichão quando eu entro na sala.

— Pronto, pronto, sosseguem — disse, dirigindo-se ao quadro branco, com uma caneta verde brilhante na mão. — Agora que *finalmente* estão cá todos, vamos recapitular os acontecimentos que levaram ao Grande Fogo de Londres.

Apercebi-me de que o meu livro estava na minha gaveta do armário situado na frente da sala e resmunguei silenciosamente. Não que me importasse muito. Fiquei sentado a ver a Prof.<sup>a</sup> Vergara desenhar grandes letras redondas no quadro, deixando atrás um rasto verde como o das lesmas.

— Psst! Rajesh! — segredou uma voz masculina da carteira à nossa frente, onde estavam o Robert e a Mei-Li. Um pequeno pedaço de papel amarrotado aterrou perto do meu cotovelo.

Antes que o Rajesh conseguisse agarrá-lo, apanhei-o e abri-o. Era um desenho cómico da Prof.<sup>a</sup> Vergara com chamuscas a sair do traseiro como se os seus puns tivessem pegado fogo. Por cima, tinha escrito «Como começou REALMENTE o Grande Fogo de Londres». Olhei para o Robert, impressionado. Não me parecia que um marrão como ele tivesse a coragem de desenhar uma coisa tão cómica sobre uma professora. Normalmente, os papéis que ele passava ao Rajesh tinham equações matemáticas ou diziam algo como «Vai ter comigo à biblioteca junto



à zona da Química». Mas então, atrás do ombro dele, vi a Karina a olhar para mim nervosamente. Era óbvio que o desenho que o Robert estava a passar era dela.

— Hectorrrrrrrrrr. Estás ocupado com alguma coisa, é?

Amarrotei rapidamente o papel entre as mãos. Mas era tarde demais. A Prof.<sup>a</sup> Vergara já estava parada à minha frente.

— Dá-mo cá. *Agora* — disse suavemente, com a cabeça inclinada para o lado.

Olhei para o Rajesh, que tinha os olhos tão esbugalhados que parecia que iam voar pela sala fora, e depois dei um relance à Mei-Li e ao Robert. A Mei-Li estava a olhar para o Robert de sobrancelhas franzidas e o Robert estava sentado muito direito, a olhar para o teto como se nunca o tivesse visto. Também vi a Karina a fazer o mesmo. Fazendo-lhes má cara, entreguei o desenho à Prof.<sup>a</sup> Vergara.

Sabia exatamente o que ela ia fazer a seguir porque, infelizmente, o Prof. Lancaster não é a única pessoa campeã da estupidez na minha escola. A Prof.<sup>a</sup> Vergara é igualmente estúpida, só que, em vez de tentar apanhar-me na curva, finge ser querida comigo. É um dos truques mais dissimulados que os adultos gostam de usar quando querem que pensemos que são nossos amigos e não inimigos.

Olhando para o desenho, a Prof.<sup>a</sup> Vergara abanou a cabeça. Outra vez.

— Oh, Hectooooorrrr! Que desilusão. Eu sei que tu és muito melhor do que isto.

— Mas... não fui eu! Foi a Karina! Ela passou-o à Mei-Li e ao Robert para darem ao Rajesh!

A Karina tossiu e o Robert abanou a cabeça. A Mei-Li abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, a Prof.<sup>a</sup> Vergara inclinou-se e apontou-me um longo dedo.

— NÃO os culpes pelo TEU comportamento! — disse ela. — Este desenho é suficientemente mau e insultuoso sem teres de mentir também. Era bom que confiasses em mim o suficiente para me dizeres a verdade. Receio ter de te pôr de castigo NOVAMENTE.

Abri a boca para responder que não tinha mesmo sido eu — e, se tivesse, o meu desenho seria *bem* melhor e mais cómico —, mas sabia que não valia a pena. Sempre que um adulto me diz para confiar nele, já sei que é a última coisa que devo fazer. Os adultos só costumam ajudar as pessoas de quem gostam e nunca conheci nenhum que gostasse de mim. Além disso, tenho sido uma desilusão para toda a gente desde que me conheço, portanto isso também não é novidade nenhuma.

A Prof.<sup>a</sup> Vergara voltou para o quadro branco e fez uma pergunta sobre o fogo. Vi a Mei-Li olhar para mim, por isso fiz-lhe má cara, o que a fez desviar o olhar. Por piores que sejam o Prof. Lancaster e a Prof.<sup>a</sup> Vergara, pior ainda são os marrões e as queridinhas dos professores, que é exatamente o que o Robert e a Mei-Li são. Aos rapazes chama-se sempre *marrões* e às raparigas *queridinhas dos professores*, mas são ambos igualmente secantes.

Sabemos imediatamente se alguém é um marrão ou uma queridinha do professor porque agem como se fosse o fim do mundo quando não têm um 5 ou uma estrela dourada nos testes. NUNCA se esquecem dos trabalhos de casa. Na verdade, alguns são tão desprezíveis que até fazem trabalhos de casa *a mais*. E alguns dão tanta graxa aos professores que até a cara lhes fica preta. É só olhar para eles. Procurem um marrão ou uma queridinha do professor e verão que têm as caras mais pretas de graxa do que qualquer outra pessoa. Infelizmente, não terão de ir longe, porque todas as turmas de todas as escolas do planeta inteiro têm pelo menos um deles. Mas a minha turma é a mais azarada do mundo porque tem três. *Três* horríveis graxistas numa só turma. É um pesadelo.

Há a Nathasha, que está sentada mesmo ao lado da secretária da Prof.<sup>a</sup> Vergara e que dá saltos para cima e para baixo como se fosse uma rã doída quando sabe a resposta a qualquer pergunta da professora. Depois, há o Robert, que se acha tão engraçadinho como esperto, embora não seja nem uma coisa nem outra. Na maioria do tempo, estes dois têm tanto medo de mim que nem me olham e, por isso, gostam de fingir que eu nem existo. Mas, *a pior, a mais irritante e a mais verdadeira-queridinha* de todas as queridinhas dos professores do mundo é, sem dúvida, a Mei-Li.

Ela entrou na nossa turma o ano passado e, embora não fale como nós, e traga para o almoço comidas com muito cheiro, como *noodles* cor de laranja brilhante e bolas

estranhas enroladas num plástico preto, todos os professores a adoram. Tem um cabelo preto brilhante, sempre apanhado num rabo de cavalo, que ela abana de todas as vezes que acerta numa resposta, e está sempre a roer a ponta do lápis, o que a faz parecer uma girafa a comer palha. Nunca tem menos de 90 por cento em todos os testes e tem o recorde de prémios em todas as competições que a estúpida da minha escola organiza, embora seja nova cá. Provavelmente, ganharia o prémio por respirar, se isso existisse! Odeio-a mais do que a qualquer pessoa que já tenha conhecido.

Depois da aula, fui direito ao castigo, e sentei-me na minha cadeira habitual, num dos cantos da sala. Era o único lá dentro. Outra vez.

— Fico contente que desta vez tenhas chegado a horas — disse o Prof. Lancaster, pondo uma série de folhas em branco à minha frente.

Os castigos com o Prof. Lancaster são tão aborrecidos como ficar a ver a tinta secar nas paredes. Sei isto porque, uma vez, foi exatamente isso que ele me mandou fazer. Fez-me sentar em frente de uma parede da escola que tinha acabado de ser pintada e tive de esperar até ela secar. Mas, normalmente, só me manda sentar e escrever, como hoje. Acho que ele pensa que, se tornar os castigos demasiado secantes, isso fará com que eu não queira voltar. O que ele não percebe é que eu, na verdade, não me importo muito com os castigos. O meu cérebro acalma-se, os meus ouvidos fecham-se e os meus olhos param de pestanejar, e, em vez

de ver a sala ou as palavras que estou a escrever, começo a ver novas maneiras de me vingar de toda a gente. Algumas das minhas melhores e mais brilhantes ideias nasceram quando estava sentado nos castigos.

Este castigo fez-me perceber que tenho de fazer uma coisa diferente. Algo em grande. Tenho de sair da caixa, como a Prof.<sup>a</sup> Vergara está sempre a dizer — aquela que temos dentro da cabeça e que nos faz pensar sempre da mesma maneira. Tenho de experimentar algo novo. Algo que ponha *mesmo* toda a gente a falar de mim, e que seja cem vezes melhor do que pôr cobras de borracha na sopa da escola.

Estava exatamente a pensar no que poderia ser esse algo em grande e a escrever pela décima quinta vez «Não vou pôr cobras na sopa da escola» quando bateram à porta e a Prof.<sup>a</sup> Vergara meteu a cabeça e os ombros pela abertura.

— Prof. Lancaster, posso falar consigo um momento, aqui fora?

— Claro — respondeu o Prof. Lancaster, levantando-se. Fez-me um olhar de aviso para não tentar nada e seguiu a Prof.<sup>a</sup> Vergara para fora da sala, fechando a porta atrás.

Dei um salto e aproximei-me da porta em bicos dos pés, para ouvir. Provavelmente, a Prof.<sup>a</sup> Vergara estava a contar ao Prof. Lancaster acerca daquele estúpido desenho, só para me pôr em mais sarilhos.

Pressionando bem o ouvido contra o buraco da fechadura, conseguia ouvir quase tudo.

— Vê isto? — dizia a Prof.<sup>a</sup> Vergara. Um som que parecia alguém a folhear um monte de folhas ouviu-se a seguir à voz dela. — É o único deste ano, e provavelmente de toda a escola, a apresentar desenhos neste tipo de banda desenhada, de manga. Ele ter criado várias personagens e uma história inteira para responder a um simples projeto de identidade é algo bastante extraordinário. Acho que, se o candidatarmos, ele tem verdadeiras hipóteses de ganhar.

— Hummmm... — Ouviu-se mais barulho de folhas de papel e, depois, o Prof. Lancaster disse: — Sim, isto é qualquer coisa. Ele foi sempre muito bom a desenhar.

Nesse momento, aproximei o olho do buraco da fechadura, mas só consegui ver os *jeans* azul vivo da Prof.<sup>a</sup> Vergara.

— É uma pena que ele se porte tão mal — continuou o Prof. Lancaster. — Este rapaz é uma autêntica ameaça. Num minuto, cobras na sopa da escola, no outro, a agredir os alunos do 2.º ano. Na verdade, é provável que esteja a destruir a sala de aula enquanto nós falamos! Imagine que o inscrevamos num concurso nacional de arte! Nunca resultaria. Ele destruiria a reputação da escola. Quer dizer: o que resta dela.

Colei mais o ouvido ao buraco da fechadura. Nem queria acreditar que estavam a falar de mim... e dos meus desenhos.

— Eu pensei — disse a Prof.<sup>a</sup> Vergara — que podíamos dizer-lhe que *queremos* inscrevê-lo, mas que só podemos

fazê-lo se ele começar a portar-se bem. Isso poderá acalmá-lo. Os seus desenhos já são tão singulares. Realmente extraordinários. Poderia dar-lhe um foco. Uma razão para interagir...

O som do papel cessou.

— Não, não — respondeu o Prof. Lancaster. — Não, Prof.<sup>a</sup> Vergara. Este rapaz é uma causa perdida. Provavelmente, tentaria sabotar o concurso e fazer com que banissem a escola dele. Já é suficientemente mau que *nós* tenhamos de o aturar. Não há razão para sujeitarmos ao mesmo o painel do júri e outros alunos inocentes.

— Talvez tenha razão — concordou a Prof.<sup>a</sup> Vergara. — É uma pena. Um desperdício de talento. Mas, sim, talvez tenha razão.

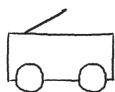
A maçaneta moveu-se de repente. Corri de volta ao meu canto e sentei-me com um salto, agarrando no lápis no momento em que o Prof. Lancaster reentrou na sala. Olhou para mim e depois em volta, lentamente, como se estivesse a certificar-se de que a sala não estava a arder.

— Vá lá, Hectoooooor, despacha-te com isso. Ambos queremos ir para casa — disse, vendo que eu ainda tinha pelo menos umas cinquenta linhas para escrever.

Forcei a minha mão a escrever o mais depressa possível, embora ela estivesse a tremer e as palavras me saíssem todas trémulas. Tinha a cara a ferver. E, a cada linha que escrevia, pensava com mais fúria no que poderia fazer a seguir que fosse maior e pior do que qualquer coisa

que já tivesse feito. Qualquer coisa que mostrasse ao Prof. Lancaster e à Prof.<sup>a</sup> Vergara e a toda a gente a terrível ameaça que podia ser.





## O HOMEM DO TRÓLEI

— Nem acredito que foste apanhado pelo Prof. Lancaster e pela Sra. Baxter — disse a Katie. Estava à minha espera no recreio, com o Will, como faziam sempre que eu ficava de castigo. — São tão *velhos*. Tens de ser *beeem* mais rápido, H... Estás a ficar lento!

Olhei para o chão. Sentia a cara a corar. Sempre que acham que eu fiz asneira, o Will e a Katie nunca mais se calam com isso. Às vezes, dou-lhes um carolo, mas desta vez sabia que a Katie tinha razão. Devia ter sido mais rápido.

— Vamos embora! Vamos divertir-nos um bocado com os do 3.º ano — disse o Will, tentando animar-me. — Olhem, ali está o Felix. Se tivermos sorte, ele ainda é capaz de fazer um xixizinho pelas pernas abaixo!

O Will piscou-me o olho. Está sempre a sugerir coisas que façam toda a gente ter ainda mais medo de nós. O Will é meu amigo desde o dia em que entrámos para a escola. Vi-o atirar bocados de borracha a toda a gente e depois mentir sobre o que tinha feito, e soube logo que seria

divertido andar com ele. O Will é como eu — bom, mais ou menos. É um bocado cobarde e mente muito, enquanto eu nunca me dou ao trabalho de mentir. Principalmente porque tem mais piada ver a cara chocada dos adultos quando lhes dizemos a verdade.

Mas o Will é fixe. É cómico, e está sempre a ajudar-me a detetar os marrões e as queridinhas dos professores, e os presunçosos e os que têm mais dinheiro do que precisam. É maior e mais alto do que eu, por isso, quando andamos juntos, toda a gente nos reconhece logo. Tem o cabelo loiro brilhante e liso, espetado como palha na cabeça de um espantalho. Parece um bocado um cientista maluco. O meu cabelo castanho liso cai-me na cara até meio dos olhos, como se tivesse preguiça de se mexer, e portanto não pareço ninguém maluco.

— Vá lá! — incentivou a Katie, dando-me uma cotovelada e apontando para o Felix e os seus pequenos colegas. — Desafio-te.

Olhei em volta e vi a Prof.<sup>a</sup> Simpson junto ao portão, a apenas dez passos de nós, a falar com alguns pais. É sempre duvidoso bater em alguém à hora da saída. Se algum dos pais nos vê, até o Prof. Lancaster fica em sarilhos, e isso significa ficar de castigo até ele se reformar.

Olhei para a Katie. Estava a desafiar-me com uma das suas sobrançelhas. A Katie adora desafiar as pessoas com as sobrançelhas. Entrou para a nossa escola no ano passado, depois de ter sido expulsa da escola anterior, e eu e o Will percebemos logo que era das nossas. Ficámos amigos no

momento em que a vi a usar as sobranceiras para avisar a Mei-Li e o Robert de que ia persegui-los até à cidade mais próxima se eles sequer se aproximassem dela. A Katie é muito alta e é uma supercorredora, por isso, se quisesse, poderia certamente fazê-lo. Tem a pele mais pálida que eu já vi em alguém, o cabelo castanho liso, como se tivesse sido passado a ferro, e óculos grandes quadrados. Normalmente, quem usa óculos é porque é uma queridinha do professor ou um marrão. Mas a Katie é diferente.

— Estás à espera de quê? — murmurou-me ela. — Estás *mesmo* a ficar lento!

Aquilo resultou. Fiz-lhe um olhar aguçado e dirigi-me imediatamente ao meu alvo. Mas, no exato momento em que lá cheguei, a Prof.<sup>a</sup> Simpson voltou-se. Os seus olhos caíram logo em mim, portanto tive de passar pelo Felix a correr e sair pelo portão, para ela pensar que eu estava com pressa para alguma coisa.

— Bolas, pá! Demoraste muito! — resmungou o Will, momentos mais tarde, quando ele e a Katie me apanharam.

Passámos em silêncio pela loja de guloseimas que fica na esquina da rua e encaminhámo-nos para a rua larga que leva aos portões do parque.

Pontapeei algumas pedras pelo caminho. Apetecia-me pontapear algo maior e mais duro.

— Que se passa com ele? — murmurou alto o Will.

— Sei lá — respondeu a Katie, sussurrando menos.  
— Provavelmente, está só *magado* porque agora é demasiado *lento* e está sempre a ser apanhado.

Atravessei a estrada a correr, pelo meio dos carros a apitarem-me, e entrei no parque, subindo o caminho cinzento que leva à colina onde estão os maiores carvalhos. O Will e a Katie continuavam a falar sobre mim. Quando querem realmente dar-me nos nervos fingem murmurar um com o outro, mas a falar alto o suficiente.

— É um falhado magoado — fingiu murmurar o Will.

— Isso — fingiu murmurar a Katie. — Até parece que a culpa é *nossa* de ele já não ser suficientemente rápido!

Apertei os punhos e senti o topo da cabeça em brasa como um forno ligado no máximo. Queria virar-me e esmurrar o Will e a Katie com toda a força, para aprenderem a nunca mais dizerem o que estavam a dizer.

Chegámos ao cimo da colina, onde havia um velho banco no meio dos carvalhos, e foi então que o vi: o velho. Já o tinha visto ali antes, muitas vezes, sentado no banco, junto a um trólei cheio de tralhas. Vestia o casaco preto comprido, velho e amarrotado do costume, que parecia ter sido tirado de um caixote do lixo, e tinha na cabeça o também costumeiro gorro amarelo vivo de lã, que usava mesmo no verão. E, sem esforço nenhum, tive a ideia mais genial que alguma vez já existiu ao cimo da terra. Na verdade, era tão genial e fora da caixa e inesperada que eu soube logo que seria o suficiente para calar o Will e a Katie para sempre!

Parei de caminhar, o que fez com que o Will e a Katie parassem também. O Will olhou-me sem perceber, mas

as sobranceiras da Katie levantaram-se logo, como se dissessem: «Sim, e então?»

— Querem divertir-se um bocadinho? — perguntei.

O Will acenou, com um sorriso a nascer-lhe na cara que o fazia parecer uma raposa faminta que tivesse cheirado uma capoeira mais à frente.

— Estão a ver aquele velho ali? — perguntei, apontando para o banco.

— O velho do trólei? — perguntou a Katie.

— Vamos mostrar-lhe que a partir de agora nunca mais deve voltar aqui.

— Como? — sussurrou a Katie, aproximando-se de mim. Empurrou os óculos para cima.

Esperei uns segundos para os deixar a pensar e depois sussurrei-lhes eu:

— Vou tirar-lhe o gorro.

— O gorro? — admirou-se o Will.

— Sim. Ele está sempre a usar aquela coisa nojenta e malcheirosa.

A Katie sorriu finalmente, achando que a minha ideia era fixe.

— Venham — ordenei. — Vamos lá.

Quando chegámos perto do banco, vimos que o velho estava a dormir. A sua barba espessa cinzento-escura servia-lhe de almofada ao queixo, pousado no peito, e o gorro de lã sujo tinha escorregado para um dos lados, como um gorro de Pai Natal — só que era amarelo e não vermelho. Respirava pesadamente pelo nariz de ponta

avermelhada, e as suas mãos com luvas de meios-dedos mexiam de tantos em tantos segundos, como se estivessem a tocar uma qualquer canção que mais ninguém conseguia ouvir.

— Está a dormir! — murmurou o Will, quando chegámos à frente dele.

— Não me digas, génio — respondeu a Katie, revirando os olhos. — E agora? — perguntou-me ela.

Pus o dedo sobre os lábios, dei a volta ao banco em bicos de pés e fiquei atrás do homem. Estendi o braço e fiquei com a mão a pairar sobre o gorro, preparado para o puxar de repente e fugir.

O Will e a Katie olhavam-me fixamente. O Will tinha a boca aberta e os olhos da Katie brilhavam como duas piscinas que tivessem acabado de ser iluminadas pelo sol.

Em menos tempo do que eles demorariam a pestanejar, puxei o gorro amarelo do homem e virei-me para fugir a correr. Mas, antes que pudesse sequer dar um passo, uma mão grande de unhas sujas agarrou-me o ombro.

— O QUE PENSAS QUE ESTÁS A FAZER? — gritou o velho, pondo-se em pé de um salto e puxando-me.

Rapidamente, atirei o gorro na direção do Will. Resultou. O velho largou-me e correu para ele. Mas o Will era mais rápido e apanhou-o.

— Queres isto, homem do trólei? — gozou o Will, estendendo-lhe o gorro. O homem esticou a mão para ele mas, no último segundo, o Will atirou-o para mim, a rir.

Num segundo, atirei-o à Katie e a Katie atirou-o de novo ao Will. O velho andava às voltas, sem decidir qual de nós perseguir primeiro. Depois, parou de repente e olhou-me diretamente. Retribuí o olhar, observando os seus pequenos olhos castanhos, rodeados de rugas.

— Tu — disse ele, apontando para mim. — Devolve-me tu o gorro!

Ri-me.

— Ah, sim? Obrigame!

Comecei a rodar o gorro na ponta do dedo, como se fosse uma bola de basquetebol.

Durante uns segundos, ele ficou parado a olhar-me. Depois, rápido como um relâmpago, baixou-se até ao chão e levantou-se num salto, na minha direção, dobrando os pulsos num movimento rápido e cortante.

*Tá-tá-tá-tá-tá!*

— Au! — gritou o Will.

— Ai! Pare com isso! — berrou a Katie, e começaram os dois a recuar.

Senti uma pontada de dor na perna, depois outra na cara, depois outra na mão. Fechei a mão com força, apanhando um objeto pequeno e afiado e compreendi, finalmente, o que estava a acontecer. O velho estava a atirar-nos com pedras minúsculas!

— DESAPAREÇAM! — gritou furioso, enquanto da sua mão saíam cada vez mais e mais daquelas minibalas. — OU VOU FAZER SUSPENSÓRIOS DAS VOSSAS TRIPAS!

O Will e a Katie desataram a correr pela colina abaixo, sob uma chuva de pedrinhas, gritando de dor à medida que se afastavam.

Tentei manter-me no lugar, agarrado ao gorro.

— DESPACHA-TE! — berrou o velho. Começou a rir-se quando as pedras começaram a atingir-me cada vez mais depressa. Sem dar conta, deixei cair o gorro.

Ele começou a caminhar na minha direção e percebi que não podia fazer mais nada. Era grande demais para eu lutar com ele e, ainda por cima, estava armado.

— EU VOU VOLTAR! — gritei-lhe, sentindo-me a ferver, furioso e corado, enquanto descia a colina a correr, para junto do Will e da Katie, que me esperavam.

— E CÁ ESTAREI À TUA ESPERA, DELINQUENTEZINHO! — gritou-me ele de volta, acertando-me na barriga da perna com uma pedra maior.

Só quando cheguei perto do Will e da Katie é que percebi que se tinha juntado ali um monte de gente. Pessoas que andavam a passear os cães olhavam-nos de boca aberta ou de má cara. Os cães também nos olhavam.

— Vamos embora daqui! — gritei, atravessando rapidamente os portões do parque.

O Will e a Katie seguiram-me, baixando muito as cabeças para que ninguém conseguisse ver-lhes a cara.

Mas eu não baixei a cabeça, como devia ter feito. Porque conseguia ouvir o Will aos risinhos e conseguia ver a Katie aos risinhos também, e sabia que estavam a rir-se de mim. Outra vez.



— De que estão *vocês* a rir-se? — perguntei, sentindo a cara a queimar.

— Ele apanhou-te bem — disse o Will. — Mesmo sendo SUPERVELHO!

— Sim — concordou a Katie. — E sem-abrigo. Que grande vergonha.

— Vou vingar-me dele — respondi, enquanto nos afastávamos do portão do parque. — Vocês vão ver.

— Ah, sim? Como? — perguntou a Katie, desafiando-me de novo com as sobrancelhas.

Eu não sabia. Ainda não.

A Katie e o Will viraram à esquerda, na rua que dava para as casas deles. Consegui ouvi-los na risota e aos segredinhos até desaparecerem ao longe. Depois de deixar de os ver, olhei por cima do ombro, para o cimo da colina, através do gradeamento do parque. Vi o velho com o gorro amarelo na cabeça a ir-se embora com o seu trólei, como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse acabado de me humilhar em frente dos meus amigos. Fiz-lhe ali mesmo uma promessa silenciosa de me vingar dele por aquilo que me tinha feito, e que havia de tramá-lo tão bem que nem balas de pedra me poderiam impedir.

«Este rapaz é uma autêntica ameaça!»

«É um *bully*. Um caso perdido!»

«Porque não podes ser mais como a tua irmã?»

Eu sou o Hector e sou especialista em arranjar sarilhos... e quanto mais loucos, melhor! Sim, sou um *bully*, mas não sou mentiroso! No entanto, parece que já ninguém acredita em nada do que digo, mesmo quando estou a dizer a mais pura das verdades. E isto piorou depois da partida que preguei ao Thomas, um velhote sem-abrigo que vive há séculos no parque, e que eu acusei de algo que não fez...

Todos pensam que sou só um caso perdido, mas vou corrigir o meu maior erro e provar a toda a gente que sou capaz de mudar, e que também posso transformar-me num herói!

Narrada pela voz de um *bully*, esta história celebra os recomeços e as segundas oportunidades. Um livro emocionante que nos mostra a realidade dos sem-abrigo, tantas vezes invisíveis e incompreendidos, enquanto exalta a bondade, a amizade e a certeza de que todos temos, dentro de nós, a capacidade de mudar para melhor.



Também vais adorar ler estes:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

9+

ISBN 9789896235369



9 789896 235369 >